



...deitou-se de braços sobre a herba e começou a fumar...

UMA GAZETA QUE SAHE CARA

Ah! menino Thomaz, menino Thomaz, não torne a cahir n'outra! Veja lá as consequencias de faltar aos seus deveres!

Querem saber, meus amiguinhos, o que succedeu ao menino Thomaz? Eu lhes conto tudo, tim tim por tim tim, e reparem bem no caso, que lhes pôde servir de lição, porque os rapaziños, ainda que sejam muito bons, ás vezes... sim, ás vezes fazem das suas.

O Thomazinho era um menino muito esperto e intelligente; mas mandrião e inimigo da escola,

como não havia outro. Ia ao collegio, não por gosto, mas porque não tinha outro remedio.

Uma manhã, depois de almoçar com todo o descanso, dirigiu-se para a escola com a má vontade do costume. O dia estava lindo, lá isso é verdade; começara a primavera, a estação das flôres; os campos verdejavam por toda a parte; as arvores cobriam-se de folhas; os passarinhos cantavam alegremente, saltando de ramo em ramo.

O Thomazinho olhava para todas aquellas bellezas da natureza, e pensava:

— E hei de eu ir encafuar-me na escola,

estando um dia tão bonito! Que inveja tenho d'aquelle pastor que anda além a guardar o seu rebanho! Deus me perdõe, mas até desejava ser o cão que o acompanha; ao menos tem liberdade: salta e corre, se quer, ou deita-se ao sol a dormir regaladamente. E depois, não tem de ir à escola, de estudar as lições, de aturar o mestre. Ah! os cães são bem felizes!

Achas felizes os cães, meu grande ralaço! É que não te lembras dos pontapés que lhes dás; é que não te lembras de que, depois de comeres a carne, atiras o osso ao pobre animal, e que elle, sempre dedicado, em quanto tu dormes na tua agasalhada cama, perde a noite ao frio, sem pregar olho, para evitar que os ladrões venham roubar a casa de teu pae! Ah! meu Thomazinho, tens idéas bem disparatadas!

— Que preguica com que eu estou! — dizia o maução. — Já deve ser bastante tarde... E se eu fizesse uma gazeta? Ninguém sabia, porque se passam mezes sem que o mestre falle com o meu pae. De mais a mais, era occasião de experimentar cá uma coisa...

O Thomazito pôz-se a pensar indeciso. A vontade de não ir à escola era cada vez maior; mas sempre tinha seu receio.

Depois de andar mais um pedaço pela estrada, tornou a parar.

— Isto é muito tarde — disse elle. — O mestre vae ralharr commigo. Nada, faço gazeta, está decidido!

E seguindo a sua má resolução, o Thomaz deixou a estrada e metteu-se pelos campos. Foi andando, andando, sempre a olhar para um lado e para o outro, como o ladrão que receia ser descoberto, até que chegou à beira d'um regato, onde as flôres cresciam abundantes e formosas.

— Aqui ninguem me vê! — disse o rapazinho, sempre inquieto, porque bem sabia que procedia mal.

E pondo os livros de lado, deitou-se sobre a relva, espreguiçando-se n'uma grande mandriice.

— Ai! como é bom não fazer nada! — exclamou o valdevinos. — Agora estão os outros lá na escola a aturar o mestre! Divirtam-se! Hei de desafiar o 33 para fazer uma gazeta commigo. Então é que é uma pandega!

E o demonico espojava se na relva como se fosse um cãozinho. Passado algum tempo, levantou-se, e começou a ver no que havia de entreter-se. Ouvindo as rãs coaxar no regato, exclamou:

— Já sei!

E começou a atirar pedras ás rãs; mas vendo que não acertava em nenhuma, desesperou-se e deixou-as.

Depois, para matar tempo, começou a juntar pedrinhas, das que lhe pareciam mais bonitas; mas isso tambem o não entreteve.

— Não sei que hei de fazer. Estou aborrecido — disse elle. — Não me atrevo a ir passear por ahí fóra, porque me podem ver e dizerem a meu pae.

De repente teve uma lembrança, que lhe deu grande alegria.

— E eu que não me lembrava do cachimbo! — exclamou. — Já sou quasi um homem!

Tornou a sentar-se na relva, muito satisfeito; depois, tirou da algibeira um papel, e desembrulhou-o com todo o cuidado; dentro do papel estava um cachimbo de gesso, cheio de tabaco, que o endiadrado furtara ao pae.

— Isto deve ser muito bom! — disse o Thomaz, chupando no cachimbo, e fingindo que deitava pela boca bofaforadas de fumo. — Agora é preciso accendê-lo.

E assim fez, com auxilio de phosphoros que trouxera.

O imprudente rapazinho deitou-se de braços sobre a herva mimosa e florida, e começou a fumar muito satisfeito.

— Isto sabe mal como o diabo! — dizia elle, cuspidando a cada momento. — Mas se os outros gostam, porque não hei de eu gostar?

E continuava a puxar grandes fumaças, que o engasgavam.

— Não presta mesmo para nada! — acrescentou fazendo careta. — Parece que até faz mal ao estômago... E é que estou agoniado...

O Thomaz deitou fóra o cachimbo, e pôz-se em pé; mas esteve quasi a cahir com uma tontura de cabeça. Estava muito pálido e sentia grandes agonias.

— Valha-me Deus! — exclamou elle, encostando se a uma arvore. — O que fui eu fazer... parece que estou envenenado!

E estava, porque o tabaco é um veneno. O uso do fumo, tão prejudicial á saude, é uma das maiores extravagancias do homem.

— Estou tão afflicto! — murmurava o Thomazinho, branco como a cal da parede. — O melhor é ir para casa...

E deu alguns passos, cambaleando; mas parou logo.

— Não posso ir para casa, porque então logo sabem que eu fiz gazeta, e dão-me pancada... Valha-me Deus! Antes eu tivesse ido para a escola, como os outros meninos. Isto é castigo!

Estava cada vez mais agoniado, e tambem cada vez mais arrependido de ter commettido aquella maldade. As ancias foram crescendo, e começou a vomitar com grandes arrancos. E estava alli sósinho, n'um campo afastado, longe da villa, sem haver ninguem que lhe acudisse!

Ora vejam os meus queridos meninos o que resulta da gente faltar ás suas obrigações e fazer maldades!

Entretanto, depois de lançar, o Thomaz sentiu-se um pouco mais aliviado; mas as dôres de cabeça é que não o largavam. Por alli esteve ainda bastante tempo, e quando julgou que seria a hora de acabar a escola, dirigiu-se para casa.

Mas o relógio do Thomaz estava muito adiantado, e não admira, porque, quando soffremos, os minutos parecem-nos horas. Era ainda muito cedo quando elle chegou a casa, e o pae, estranhando, perguntou-lhe:

— Então já vieste da escola?

O rapazinho ficou sem pinga de sangue.

— Não respondes? — continuou o pae. — E agora reparo que estás muito pálido! Que te aconteceu?

O pae, afflicto por ver o filho com apparencia de doente, chegou-se mais para elle, para o apalpar, para o observar, para ver o que tinha.

O desvelo do pae é que perdeu o Thomaz!

— Tu fumaste, brégeiro?! — exclamou o velho, mudando logo de tom.

— Eu não, senhor...

— Não mintas! Cheiras a tabaco que tresandas, e essa pallidez provém da bebedeira que apanhaste com o cachimbo! Por isso elle me faltou! E de certo não foste á escola, patife, porque isto é ainda muito cedo! Ora vê tu, meu grande tratante, quantos delictos commetteste: foste ladrão, porque me roubaste o cachimbo e o tabaco; foste brégeiro, porque, sendo ainda um fedelho, te atreveste a fumar; e, para completar a obra, fizeste uma gazeta á escola, enganando d'esse modo o teu pae e o teu professor! Vou castigar-te como mereces!

— O meu pae, eu não torno mais... perdoe-me!

— Cuidavas que podias esconder as tuas proezas? Não sabes que Deus vê tudo, e que prepara o castigo para quem se porta mal?...

Querem saber o resto, meus amiguinhos? o resto foi o Thomaz apanhar uma boa coça, e agora mais faltar á escola.

A gazeta sahiu-lhe cara!

MATTOS MOREIRA.

RECORDAÇÕES DA MINHA INFANCIA

A FESTA DOS RAMOS EM CASTELLO BRANCO

Meus meninos, de certo não vos esquecestes de que vos disse que era opulentissima a natureza do meu abençoado torrão natal. Como na antiga Grecia, os loureiros são alli arvores gigantes, que na primavera ostentam a mais formosa e fresca folhagem, e tanta, tanta flôr fragrantissima, como ainda não vi em parte alguma. Essa especialissima riqueza vegetal concorre muito para o encanto particular da festividade dos ramos na minha cidade natal.

Não posso descrever-vos fielmente que bulício vae n'essa terra, quando no domingo de ramos ou das palmas, que é o primeiro dia da semana santa ou maior, assim chamada em razão dos altissimos mysterios que a igreja n'ella celebra, se aproxima a hora da festividade. De todas as ruas convergem para o largo da Sé e penetram n'este vasto templo centos de creanças, levando a sua palma, ou quasi geralmente o seu ramo de loureiro, enfeitado não só com a flôr propria e opulentissima, mas com toda a sorte de flôres que a natureza produz tão munificentemente n'aquella terra feliz, que bem se lhe pôde chamar a patria da primavera ou o reino das flôres e

de certo pôde ella dar aos floricultores vastissima messe para mais enriquecerem a flora de seus jardins.

O aspecto da Sé de Castello Branco, ao começar a benção solemne dos ramos, é indescriptivel. Não sei como alli se casa a devoção e a seriedade do acto religioso e da tradição augusta d'esses dias selemnissimos, com a alegria e bulício da mocidade, isto é, de todas as creanças de tres a quatorze annos. As mais pequenas seguram satisfeitissimas a sua palma formosa ou o seu pequeno ramo todo florido, todo enfeitado; mas os maiores, ou quasi homens, levam ramos enormes, verdadeiras arvores, o que faz parecer que dentro do templo se está entre um denso, fragrante e viçoso bosque, mas um bosque originalissimo, que se move constantemente e cujo rumorejar da folhagem fórma um conjunto admiravel com o ruido, embora baixo mas perceptivel das creanças, que alli substituem agradavelmente o chilrear das avesinhas. Por entre tudo isto ouvem-se as harmonias do coro, o cantar dos sacerdotes e o orar solemne do celebrante.

Santa impressão a do culto catholico, que tão admiravelmente se adjuge ás graciosas tradições locais! Inepto é quem deixa esmorecer essas solemnidades, que são verdadeiras feições dos povos.

Alli então, a amenisar os costumes e a incutir a fé, convergem o culto e a bella natureza, do canto solemne, as vestes sagradas e o aroma e variegado matiz das flôres e da ramaria, e os rostos alegres das creanças e grave aspecto dos fieis. Mas os celebrantes, cobertos de vestes da côr mimosa das roxas violetas, descem os degraus do altar mór, e as filas dos sacerdotes com as suas sobrepezzes, alvas como as açucenas que cobrem os vallados e as margens dos rios, transpõem os cancellos da grande capella e vão penetrando no bosque sagrado, que toma maior movimento e precede e acompanha os ministros do altar, que todos levam suas palmas e são precedidos pela cruz, estandarte da mais verdadeira victoria, santificação de todas as palmas justamente alcançadas.

Pelas tres largas portas da Cathedral vão irrompendo a custo as grandes correntes de creanças e de arvoredo santificado. Extravasou aquelle mar de florida verdura e de piedosa innocencia, e certamente em parte nenhuma cabe tão bem como alli aquelle formosissimo hymno, cantado alternativamente dentro e fóra do templo, cujas portas cerram mysticamente, hymno composto por Theodulpho, bispo de Orleans, e que começa assim:

*«Gloria, louvor e honra a ti,
oh rei, oh Christo redemptor,
a quem a festa das creanças
d'hossanas dá bello esplendor.»*

Diz a tradição, referida pelo illustre cardeal Wieseman na sua *Semana Santa em Roma*, que Theodulpho se achava preso, porque incorrera no desagrado do rei da França, como era facil

n'esses desgraçados tempos de perpetuas dissenções entre os descendentes de Carlos Magno, que infelizmente não deixou quem fosse continuador da sua grande obra de regeneração social. Theodulpho pois estava preso, e das grades da sua prisão viu desfilir por debaixo da sua janella a devotissima procissão dos ramos, acompanhada pelo proprio monarcha.

O bispo faz signal, a procissão pára, e de lá, d'entre os ferros do seu carcere, o santo prelado entoa com voz dulcissima e commovente esse hymno, que passa por ser uma das mais bellas poesias conhecidas.

O povo e os sacerdotes derramam lagrimas, e todos olham o monarcha, visivelmente commovido, e que não podendo resistir á voz do seu coração e da sua fé, manda soltar aquelle bom pastor da igreja. Póde facilmente ajuizar-se que agradável impressão fez no povo este facto e que benções chamou sobre o monarcha.

A igreja, agradecida, inseriu entre os hymnos e orações da semana santa esta formosissima poesia, tambem mui conforme á expressão dos sentimentos de que deve estar animado o povo christão, celebrando a entrada triumphante de Nosso Senhor Jesus Christo em Jerusalem.

Para começar a primeira solemnisação da paixão, termina-se a festa alegre dos ramos, e as creanças, que pouco percebem de tristezas e quasi somente de bulicio e alegria, lá vão levar ao seio de suas familias os seus ramos bentos, a que a fé attribue grande virtude e certamente tem a virtude de perpetuar as alegres tradições domesticas, populares e christãs.

SILVA FIGUEIRA.

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

A pequenita Susana, que nunca se cansava de fazer perguntas, ia já a abrir a bocca, mas o avôsinho acudiu logo dizendo:

— Por hoje basta, minha menina; são horas de ir para a cama; já tagarellei bastante esta noite. Ora vê lá, minha curiosa, onde tu me levaste por me perguntares o motivo de ser sempre no mesmo dia o dia de anno bom! E o mais bonito é que não cheguei a dar-te a explicação. Ficará para amanhã, se tu n'õ lembrares.

— Ah! deixe estar, avôsinho, que não me esquece!

E a encantadora menina, depois de beijar a sua mamã, o avô e o mano Paulo, retirou-se para o seu quarto.

CAPITULO XIV

A TERRA E A LARANJA — O SOL E O CANDIEIRO

Nos dias de inverno, em que o sol desaparece muito cedo, accendem-se os candieiros ás tres ou ás quatro horas da tarde. A luz artifi-

cial vem substituir, conforme póde, coitada, os esplendores do sol.

A Susaninha viera para a sala, trazendo os seus livros e cadernos, e estudava as suas lições ao pé da mesa, alumada por um candieiro com globo de crystal, que modificava a intensidade da luz.

O avôsinho estava ao lado d'ella, proximo do fogão, e dormitava com um jornal abandonado sobre os joelhos.

De repente, acordou, e voltou logo os olhos para a sua querida neta, que estava toda entre-gue ao estudo.

Susana reparou immediatamente que o avôsinho despertara. Pôz logo de parte a caneta e disse:

— Ai! avôsinho, hoje tenho trabalhado muito! E sinto tanta sêde! Que posso eu beber?

E olhando para todos os lados, viu sobre uma mesa um fructeira cheia de laranjas.

— Posso comer uma? — perguntou a Susaninha.

— Pôdes, sim — respondeu o avô.

E como a pequenita trouxe a fructeira para ao pé de si, uma idéa assaltou o sr. de Beaucourt.

Pegou n'uma laranja, e espetou-a n'um dos lapis da neta. Depois, aproximou a laranja do



globo do candieiro, e, fazendo mover o lapis entre os dedos, o bello fructo começou a dar voltas.

A Susaninha olhava para o avô muito admirada.

— Que quer fazer o avôsinho? — perguntou ella, sem comprehender.

O sr. de Beaucourt fingiu não ouvir, para mais excitar a curiosidade da pequenita, e continuava a fazer girar a laranja.

— Mas diz-me o que estás a fazer, avôsinho! — exclamou a intelligente creança, já impaciente.

— Em primeiro lugar, — respondeu tranquillamente o sr. de Beaucourt — faço o dia e a noite.

E calou-se.

A Susaninha ficou ainda mais confusa; mas, como o avô dissera «em primeiro lugar», aventurou-se a dizer:

— E depois?

— Depois, faço o inverno, a primavera, o verão e o outono.

— Essa agora, avôsinho! Não percebo mesmo nada! — exclamou com tristeza a pequenita.

— Falei-te da Terra, falei-te do Sol, e já sabes que a Terra gira em volta do Sol; mas não sentes curiosidade de saber como ella faz essa viagem?

— Immensa, avôsinho! — acudiu logo Susana.

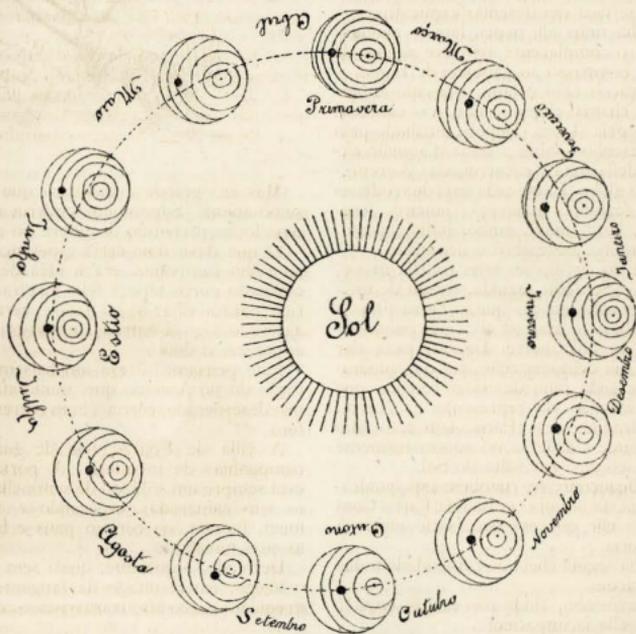
— Pois então repara bem. O globo luminoso do candieiro representa o Sol, e esta laranja a Terra.

creança — é como se dissessemos: d'um lado é dia, e do outro é noite.

— Perfeitamente, minha filha! Então não tinha razão em dizer ainda agora, ao pôr a laranja diante do globo do candieiro, que estava fazendo a *noite* e o *dia*?

— É verdade, avôsinho!

— Agora já percebes que, se a Terra se conservasse constantemente n'esta posição diante do Sol, na outra metade haveria uma noite sem fim. E depois, se uma parte da Terra nunca recebesse nem luz, nem calor, o frio e a escu-



— Bom.

— Ponho a laranja diante do candieiro: que notas na laranja?

A Susaninha olhou com muita atenção, e depois respondeu ingenuamente:

— Nada.

— Pois não vês que a metade da laranja do lado do candieiro está illuminada, em quanto que a outra metade se conserva na sombra?

— Sim, sim! A outra metade está no escuro.

— Era isso justamente o que eu queria ouvir-te dizer: a outra metade está no escuro. Ora, uma vez que esta laranja nos representa a Terra, e o globo do candieiro o Sol, não deves ficar com a menor duvida de que só metade da Terra está agora illuminada pelo Sol.

— Vou percebendo — atalhou a intelligente

ridião não permitiriam que alguém pudesse lá viver.

— Essa metade não serviria para nada.

— É muito acertada a tua reflexão! — exclamou o avô, muito satisfeito. — Metade da Terra sem servir para nada! seria absurdo! Era como se fosse apenas aproveitavel metade de cada laranja! Portanto, a Terra não se conserva sempre n'esta posição: gira sobre si mesma, como eu faço girar esta laranja.

E, juntando o gesto á palavra, o sr. de Beaucourt fez ver á Susaninha que, á medida que metade da laranja se ia illuminando, a outra metade entrava na sombra, no escuro.

— Vês? — disse o avô — d'um lado da laranja é dia, e do outro é noite; ha pouco era justamente o contrario.

— Assim é bom, para não haver ciúmes.
— Tens razão — concordou sorrindo o bon-doso velho.

— Agora, avôsinho, mostra-me como é que fazes o inverno, a primavera, o verão e o outono.

— Isso é um pouco mais difícil; mas vamos sempre tentar. Girando sobre si mesma, para fazer os dias e as noites, a Terra, girando em volta do Sol, faz igualmente as estações.

— Mas como?

— Pouco mais ou menos, assim — disse o sr. de Beaucourt, fazendo com que a laranja desse volta em redor do globo do candieiro. — Mas para que melhor fiques percebendo, é necessário que te faça um desenho explicativo.

A Susaninha tinha alli papel, lapis e pennas; de modo que o complacente avô teve apenas de ir buscar um compasso ao gabinete de Paulo.

Primeiro traçou com o lapis o circulo imperfeito que se chama ellipse e que é o caminho aério seguido pela Terra. Depois, auxiliado pelo compasso, desenhou sobre a linha d'aquelle circulo doze rodellinhas, encarregadas de representar o nosso globo. Entre cada uma das rodellas escreveu as seguintes palavras: janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

No interior do circulo fez uma rodella maior, para simular o Sol. Em seguida, tratou de indicar por linhas concentricas que a Terra tinha a fórma d'uma bola, e marcou com um ponto negro o lugar do polo norte. Depois, para dar mais valor á sua demonstração, fez um quadradosinho sobre cada uma das doze rodellas que tinham a pretensão de representar a Terra. Aquelle quadradinho era Paris, isto é, o sitio em que a grande cidade se via successivamente collocada no seu giro em volta do Sol.

O sr. de Beaucourt fez tambem um quadradinho na casca da laranja: era ainda Paris. Com razão pensava elle que era necessario juntar a pratica á theoria.

A Susaninha seguia cheia de curiosidade todas aquellas operações.

— Então, avôsinho, ainda não está prompto?

— perguntou ella já impaciente.

— Está; e como tens empenho de saber como a Terra, girando em volta do Sol, consegue fazer o inverno, a primavera, o verão e o outono, isto é, as quatro estações, é necessario que me prestes agora um ouvido muito attento.

— Os dois ouvidos, avôsinho! — exclamou a nossa querida Susana.

(Continúa).

O CAMPONEZ E O SEU PORCO

(Conclusão)

D'esta vez a corrida tornou-se espantosa. Atravessando em linha recta a horta e os campos, o tio Antonio, sempre escarranchado no porco, este gritando furioso, foram ambos atolar-se desastrosamente n'um pantano cheio de limos e de rãs, que fugiram espavoridas.

Mais gordo que seu dono, o cevado sobrenadou; então, não perdendo nem um instante a cabeça, e, rapido como o pensamento, precipitou-se para a margem, continuando immediatamente, em direcção á villa, a sua fuga intelligente e ajuizada.

Desembaraçando-se o mais rapidamente possível dos limos e do lodo que o envolviam, o tio Antonio correu em perseguição do endemonhado porco.



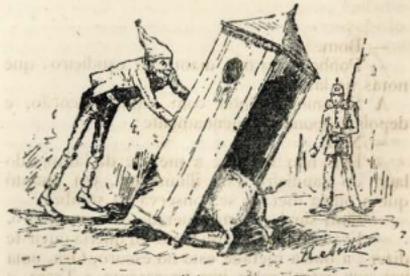
Mas era grande a dianteira que lhe levava o suino animal. Suppôr que poderia alcançá-lo era uma louca pretensão do pobre tio Antonio.

O que dava uma certa esperança consolativa ao velho camponez, era a idéa de que o indisciplinado porco teria a feliz inspiração de se dirigir para a villa; se tal fizesse, certamente seria agarrado logo á entrada, e não o largariam até apparecer o dono.

Este pensamento era um balsamo para o coração do tio Antonio que, muito afadigado, mas não desesperado, corria a bom correr pela estrada fóra.

A villa de Fourzy tem de guarnição duas companhias de infantaria. A porta do quartel está sempre um soldado de sentinella, em quanto os seus camaradas, esperando a sua vez, dormem, fumam, ou cortam paus e bengalas com as suas navalhas.

Derreado, arquejante, quasi sem poder tomar o fôlego, em resultado da fatigante carreira, o irrequieto porco afrouxara o passo; depois, muito



tranquillamente, permitindo d'esse modo ao tio Antonio o ganhar terreno, dirigira-se para a guarita da sentinella, esperando poder alli des-

cansar á sua vontade. Mas d'esta vez enganaste-te, porco d'uma figa!

O tio Antonio chegava n'aquella occasião, e lembrando-se dos seus tempos de militar, tratou de fazer uma soberba manobra. Rindo em silencio da boa partida que ia fazer ao seu desobediente porco, deu volta por detraz da guarita, e quando o animal ia a entrar, empurrou com toda a força o edificio de madeira, para cahir sobre o cevado.

Immediatamente esturgiram no ar os mesmos gritos pouco melodiosos que já conhecemos, porque o famoso appendice posterior do gordo porco fôra novamente flagelado! O tio Antonio saltara para cima da guarita, e fazia um peso de mil demonios sobre o tal *appendice*, que ficara do lado de fóra e que, agitando-se convulsivamente, como que protestava contra a semceremonia do camponez.

operação que tem por fim converter um avantaçado porco em excellentes presuntos, chouriços e linguças.



GEOGRAPHIA

SUISSA

Continuando os nossos estudos geographicos, vamos hoje, queridos leitores, dirigir as nossas atenções para um paiz verdadeiramente encantador — a Suissa.

Entre a Allemanha e a Italia, a Austria e a França, encontra-se um paiz coberto de montanhas, das quaes as mais elevadas estão sempre revestidas de neve, tendo, porém, principalmente ao Norte, planicies admiravelmente cultivadas e onde a temperatura é suave — é a Suissa, tambem denominada Confederação Helvetica.

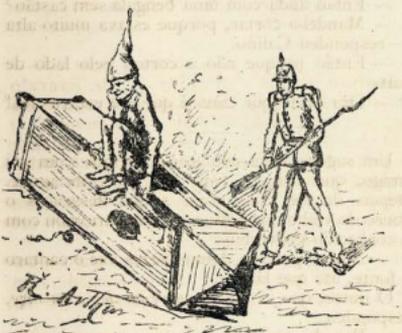
A maior parte dos pontos mais elevados dos Alpes, estão comprehendidos na região de que vos estou fazendo uma breve e singela descripção. O *Monte Branco*, a montanha mais alta da Europa, encontra-se na Suissa. Elevações, neves constantes, rochedos, valles, regatos que vão deslizando mansamente por entre a vegetação das planicies, formam o conjuncto mais admiravel e atrahente que a imaginação mais poderosa e arrojada pôde phantaziar.

A Suissa é comparavel a Cintra, a amena Cintra, cantada por muitos poetas, e entre elles por Lord Byron, o auctor do *Child Harold*.

A Suissa é dividida em 22 Cantões. Indicaremos os nomes d'alguns: *Berne*, o mais importante, *Bále*, *Zurich*, *Neuchâtel*, *Genebra*, *Saint Gall*, *Glaris*, etc.

A população da Confederação Helvetica é de 2.700.000 habitantes. As religiões mais seguidas são: a *Calvinista* e a *Catholica*, predominando esta nos Cantões do Centro e do Sul e aquella nos do Norte. O commercio, a industria e a instrucção publica encontram-se em estado florescente. A extensão das linhas ferreas é de 2:000 kilometros e a das linhas telegraphicas de 6:000. A fórma de governo é a republica federal: cada cantão tem um governo especial, havendo porém uma *Dieta*, onde se tratam as questões que se referem a todo o paiz. As cidades mais notaveis são: *Bále*, patria do distincto mathematico Euler. Nota-se, entre os seus monumentos, uma magnifica egreja em estylo gothico. Tem 45:000 habitantes.

Berne; a sua população é de 36:000 habitantes. A cathedral de S. Vicente, é digna de admi-



A queda da guarita e os gritos do porco attrahiram a sentinella, que se dirigiu furiosa contra o tio Antonio.

A gente que vinha para a feira foi-se agrupando. O dono da estalagem dos *Quatro Caminhos* e o lubrego que ficara sem as suas batinhas fumegantes vieram reclamar perdas e danos.



O pobre tio Antonio teve que puxar pela bolsa e pagar, e, querendo deslazer-se o mais depressa possivel d'um companheiro tão indisciplinado, dirigiu-se sem perda de tempo ao salchicheiro principal da terra, com o qual fez negocio, e até o ajudou, muito satisfeito, na funebre

rar-se. Berne é a patria de um medico notavel — Haller. *Zurich*, viu nascer Gessner, Lavater e o geographo Ebel.

Genebra, conta no numero de seus filhos muitos homens notaveis: J. J. Rousseau, Saussure, notavel physico, o distincto naturalista Bonnet e o escultor Pradier.

Eis em singelas phrases a descripção resumida da encantadora Suissa, o paiz mais pittoresco da Europa.

JOSÉ PESSANHA.

NO ALBUM DE UMA JOVEN SENHORA

Não sou nuncio da desgraça,
Venho fazer-te uma graça,
Que deve ser-te um conforto.

C. CASTELLO BRANCO — *Um livro*.

N'estas paginas, que adoras,
creança meiga, e gentil,
não creias que eu lance as tintas
de um risonho e doce abril;
não sei de flôres mimosas,
que possam vencer as rosas,
que tens no rosto infantil.

O livro escuro da vida
bem longe estás de o entender;
por isso tambem não temas
que eu te cause um desprazer;
não... que o teu rir de innocente
é céu aberto ao presente;
do porvir... não quer saber.

Colhendo flôres, borboleta inquieta,
á sombra amiga do materno amor,
como ave implume, que esse amor só vêla,
assim, donzella, tu sorris em flôr.

Nas horas de hontem... illusões e crenças,
nas de hoje... enlevos, que só dão prazer,
arroubos santos, que te veem, ó bella,
da mão d'aquella que te deu o ser.

Feliz quem pôde, ao recordar a infancia,
dizer: — «Eu tive minha mãe por mim!
«bebi-lhe o leite, e, na ternura d'alma,
«colhi a palma de um amor sem fim!»

SANCHES DE FRIAS.

ALEGRIAS

Ha annos, entrou n'uma loja de mercador, na rua Augusta, um sugeito e pediu baeta encarnada.

Os caixeiros foram-lhe apresentando diversas peças, e o homem respondia sempre que não era aquella ainda a côr que desejava. N'isto aproximou-se o dono da loja, que tinha a presumpção de ter um estabelecimento bem fornecido, e ordenou aos caixeiros que trouxessem

do deposito duas peças que estavam na prateleira tal.

O freguez ainda não ficou satisfeito; não era bem aquillo.

— Tragam uma peça de casimira ingleza — disse o patrão, meio vexado por não poder servir o freguez.

— Agora sim! — exclamou o desconhecido. — É isto mesmo que eu quero.

— Pois eu não havia de ter o que V. S.^a desejava! — voltou o dono da loja, alegre e vaidoso.

— Tenha a bondade de mandar medir o bastante para fazer um barrete a um melro.

O patrão ficou embaçado; os caixeiros, porém, trataram de medir... mas foi as costas do freguezista com o metro, que era de excellente madeira.

— Então anda com uma bengala sem castão? — Mandei-a cortar, porque estava muito alta — respondeu Calino.

— Então porque não a cortou pelo lado de baixo?

— Ora essa! por cima é que ella estava alta!

Um sugeito dava salutarés conselhos a um seu amigo, que tinha o feio vicio da embriaguez. Depois de lhe fazer notar a que desgraças o abuso do vinho nos pôde conduzir, terminou com o conhecido proverbio:

— N'uma palavra, tantas vezes vae o cantaro á fonte, até que lá fica.

O outro, que já estava *entre as dez e as onze*, respondeu:

— Pois homem, n'esse caso, o meu cantaro não corre perigo de se quebrar, porque nunca o levo á fonte... levo-o sempre á pipa.

— Anda cá, Manuel.

— Prompto, meu amo.

— Tu és fiel, cuidadoso, acieado, obediente, mas, apesar d'isso, vou por-te na rua.

— Porque, meu senhor?

— Porque, apesar do que tratamos, embebedas-te nos mesmos dias em que eu me embebedo.

— A culpa não é minha: é de me embebedo, se me emborracha todos os dias.

Um menino meu conhecido, e que, por ser muito mandrião nos estudos, ainda não conseguiu que o seu papá lhe assignasse o *Jornal da Infancia*, de tudo o que mais lhe custa é fazer themas.

Ha dias viu elle a criada lavada em choro, porque recebera da terra uma noticia triste, e perguntou-lhe logo:

— Que tens tu, Maria?

— Ai! meu menino, sou muito desgraçada!

— És muito desgraçada? quem ver que tambem te obrigam a fazer themas! — exclamou ingenuamente o pequenito.